

O efeito de Eros – “As afinidades eletivas”, a esperança e o homem unidimensional

*Eros effect – “Elective affinities”,
hope and the one-dimensional man*

Imaculada Kangussu

Universidade Federal de Ouro Preto

Ouro Preto, MG – Brasil

lekangussu@gmail.com

Resumo: “Somente para os desesperados é que nos foi dada a esperança”. Essa frase enigmática, com a qual Herbert Marcuse encerra o livro *One-Dimensional Man*, é uma citação de Walter Benjamin que com ela também termina seu ensaio sobre “As afinidades eletivas de Goethe” (“Goethe *Wahlverwandtschaften*”). Cabe a pergunta: o que o homem unidimensional tem em comum com a novela romântica de Goethe? Tendo Eros como foco, discorreremos sobre os três textos – o de Marcuse, o de Benjamin e o de Goethe – com o propósito de esclarecer o, quase desesperado, conceito de esperança que brilha no final das obras destes dois primeiros teóricos.

Palavras-chave: Goethe, Benjamin, Marcuse, pulsão, recusa.

Abstract: “It is only for the sake of those without hope that hope is given to us”. This enigmatic last sentence of *One-Dimensional Man* is also the last sentence of Walter Benjamin essay “Goethe’s Elective Affinities” (“Nur um der Hoffnungslosen willen ist uns die Hoffnung gegeben”). What does the One-Dimensional Man have in common with Goethe’s romantic novel? Focusing Eros, this paper examines the three texts – Marcuse’s *One Dimensional Man*, Walter Benjamin essay about “Goethe’s Elective Affinities” and the Goethe’s novel, *Die Wahlverwandtschaften* – in order to enlighten the almost desperate concept of hope that shines at the end of Herbert Marcuse’s book.

Keywords: Goethe, Benjamin, Marcuse, drive, refusal.

Artigo recebido em 12 de novembro de 2015

Aprovado para publicação em 16 de janeiro de 2016

Em *One-Dimensional Man*, publicado em 1964, quando a economia dos Estados Unidos parecia estar em pleno vigor, Herbert Marcuse apresentava as mudanças decorrentes dessa afluência no comportamento, na filosofia e, sobretudo, na visão de mundo dos indivíduos. Em suas palavras, “uma falta de liberdade confortável, suave, razoável e democrática prevalece na civilização industrial avançada” (MARCUSE, 1991, p. 1). A crescente produtividade tecnológica pode tornar a vida menos penosa e mais longa. E ainda permitir que algumas das pulsões humanas anteriormente destinadas à sublimação sejam realizadas imediatamente. Isso configura, nos termos de Marcuse, uma “dessublimação repressiva” – repressiva na medida em que, livre para realizar suas pulsões, os indivíduos acomodam-se mais facilmente ao que lhes é oferecido e, com isso, realiza-se “a conquista da consciência infeliz” (MARCUSE, 1991, p. 69).¹ Diante desse fato, qualquer protesto contra o estado de coisas existente parecia, no início da década de 1960, condenado ao fracasso, assim como o ser humano à unidimensionalidade, representada pela aceitação imediata do existente. Marcuse, entretanto, mesmo diante da aparente hegemonia do sistema em curso, mantém esperanças relativas à transformação, ao observar que,

contudo, por baixo da base popular conservadora, encontra-se o substrato dos párias e *outsiders*, dos explorados e perseguidos de outras raças e de outras cores, dos desempregados e dos não empregáveis. Eles existem fora do processo democrático, suas vidas são a mais imediata e mais real necessidade de acabar com as condições e as instituições intoleráveis. Assim, sua oposição é revolucionária mesmo se a suas consciências não o forem. Sua oposição atinge o sistema de fora e, por isso, não se curva a ele; é uma força elementar que viola as regras do jogo e, ao fazê-lo, revela-o como trapaça. Quando eles reúnem-se e saem às ruas, sem armas, sem proteção para reivindicar os mais primitivos direitos civis, sabem que enfrentarão cães, pedras e bombas, cadeia, campos de concentração e até a morte. Sua força está por

¹ A conquista da consciência infeliz: dessublimação repressiva” é o título do terceiro capítulo de *One-Dimensional Man*.

trás de toda manifestação política pelas vítimas da lei e da ordem. O fato de eles começarem a recusar a jogar o jogo pode ser o fato que marca o início do fim de um período. (MARCUSE, 1991, p. 256-257)

O filósofo observa que nada indica que será um final feliz. A única possibilidade, considera, é que os extremos possam se encontrar: “a força mais explorada” e “a consciência mais avançada”, isto é, os excluídos do processo social e os intelectuais – você que lê este texto, por exemplo. E, ainda que isso seja apenas uma possibilidade, Marcuse termina o livro com uma espécie de advertência:

A teoria crítica da sociedade não possui conceitos capazes de ultrapassar a fenda entre o passado e o futuro; sem manter qualquer promessa e sem exibir qualquer sucesso, ela permanece negativa. E assim, deseja permanecer leal àqueles que, sem esperança, deram e dão sua vida à Grande Recusa. No início da era facista, Walter Benjamin escreveu: *Nur um der Hoffnungslosen willen ist uns die Hoffnung gegeben*. “Somente para os desesperados é que nos foi dada a esperança”. (MARCUSE, 1991, p. 257)

Marcuse não menciona que essa frase enigmática, com a qual encerra o livro *One-Dimensional Man*, é também a última do ensaio benjaminiano sobre “As afinidades eletivas de Goethe” (*Goethe Wahlverwandschaften*). Retirando, sem revelar a quem o lê, a sentença um contexto erótico, conforme observa Michael Löwy (1999, p. 207), “Marcuse lhe dá uma tradução diretamente política”.

Em *As afinidades eletivas de Goethe*,² Benjamin lida com a ligação entre o que ele denomina de “teor de verdade” e “teor material”, presentes nesta obra. O filósofo apresenta essa ligação como necessária, na medida em que o teor de verdade precisa aparecer no mundo material para revelar-se. Os dois não são idênticos, pois, se o fossem, o conhecimento imediato seria possível. O teor material é explícito; o teor de verdade é oculto, pressupõe o trabalho de revelação.

Goethe publicou *As afinidades eletivas* em 1809. O título é baseado em um termo científico da química antiga usado para descrever a tendência de uma substância combinar-se com umas e não com outras. A expressão

² Escrito em 1922, o ensaio “Goethes *Wahlverwandschaften*” foi publicado em 1924, na *Neue Deutsche Beiträge*, organizada por Hugo von Hofmannsthal. ,

“afinidades eletivas” foi amplamente usada, figurativamente, como metáfora das paixões humanas.³ E ela é ambígua: se na ciência diz respeito a uma reação química natural e inevitável, quando aplicada às relações humanas pode implicar liberdade de escolha, opção, eleição (*Wahl*).

Goethe inicia sua obra apresentando-nos um casal, Eduard – “assim denominaremos um rico barão em plena virilidade” (GOETHE, 2008, p. 21) – e Charlotte, cuja relação será estraçalhada ao longo do livro, vivendo tranquilamente no campo, em uma propriedade que se dedicam a embelezar. A trama começa quando Eduard pede permissão a Charlotte para convidar um amigo de infância, o Capitão Otto, para passar algum tempo com eles e ajudá-los na reforma de suas terras. Depois de recusar a proposta e afirmar “que este projeto contraria meus sentimentos e que não pressinto nada de bom nisso” (GOETHE, 2008, p. 25), Charlotte deixa-se convencer e aceita a ideia desde que Eduard permita-lhe convidar Otilie, uma jovem órfã, filha de sua melhor amiga, para também ir viver com eles.

Em *As afinidades eletivas*, a decisão de trazer o Capitão Otto e Otilie é descrita como um experimento e a casa com seus jardins como a retorta na qual os elementos humanos são colocados juntos: cabe aos leitores observar como reagem. Conforme Charlotte diz a Eduard,

Todos os empreendimentos desse tipo são arriscados. Ninguém pode prever o que resultara deles. Essas novas circunstâncias podem gerar felicidade ou infelicidade, sem que possamos atribuí-las a nosso mérito ou a nossa culpa. Não me sinto suficientemente forte para contrariá-lo por mais tempo. Façamos a experiência! (GOETHE, 2008, p. 32)

Conforme o título anuncia, a experiência resulta no surgimento de afinidades eletivas entre o casal e seus hóspedes. A metáfora química é apresentada pelo Capitão Otto: “Aqueles naturezas que, ao se encontrarem, se ligam de imediato, determinando-se mutuamente,

³ O termo *Wahlverwandtschaften* apareceu em alemão pela primeira vez em 1785, na tradução da obra do químico sueco Torbern Olof Bergman, *De attractionibus selectivis* (1775). Cf. Augusto Meyer, “Prefácio”, em GOETHE. *Afinidades eletivas*, p. 11. No final do século dezenove, Max Weber, que leu a obra de Goethe recorre à expressão “afinidades eletivas” ao descrever a correspondência entre alguns aspectos do capitalismo com a ética protestante. Cf. Weber, *A ética protestante e o espírito do capitalismo*.

chamam-nos ‘afins’.” (GOETHE, 2008, p. 45). O convidado explica ao casal que, no mundo da química, algumas substâncias, ao entrarem em contato mútuo, revelam afinidades entre os elementos que as compõem; estes então abandonam os antigos elementos a que estavam ligados na composição da substância original, ligam-se ao elemento afim presente na outra substância e, com isso, criam novas substâncias. “Ocorre uma desagregação e uma nova combinação, o que nos autoriza a aplicar a expressão ‘afinidade eletiva’, pois realmente parece que se preferiu uma relação à outra, que se elegeu uma em detrimento da outra” (GOETHE, 2008, p. 46). Na passagem seguinte, pode-se ver como, quando o Capitão esclarece o movimento na química, Eduard aplica-o explicitamente às relações humanas:

Imaginem um A intimamente ligado a um B e incapaz de se separar dele, nem pela força; suponham um C que esteja na mesma situação com um D; coloquem então os dois pares em contato; A atirar-se-á para D, e C para B, sem que se possa afirmar quem abandonou quem e uniu-se ao outro primeiro.

– Pois é! – interveio Eduard – até vermos tudo isso com os próprios olhos, vamos considerar essa fórmula como uma alegoria, da qual podemos tirar ensinamentos para uso imediato. Você, Charlotte, representa o A, e eu o seu B, visto que estou ligado a você e a sigo como o B ao A. O C é evidentemente o Capitão, que agora está de certo modo me afastando de você. Bem, para que não fique na incerteza, é justo que se procure um D para você, e esse será sem dúvida a amável senhorita Otilie, cuja vinda você não pode mais protelar. (GOETHE, 2008, p. 47)

Quando os quatro personagens são colocados juntos, o principal acontecimento do romance é a paixão de Eduard pela beleza de Otilie. Nas palavras de Benjamin, “a aparência da beleza encontra-se no centro da história [...] a crença na beleza de Otilie é a condição fundamental para o envolvimento com o romance” (BENJAMIN, 2014, p. 338). Nas de

Goethe, “a beleza é em toda parte um hóspede bem recebido” (GOETHE, 2008, p. 51). Eduardo fica enfeitiçado pela beleza de Otilie. Ela o ama; Charlotte e o Capitão sentem-se mutuamente atraídos e resistem. Alegoricamente, conforme já se observou, Eduardo é paixão, Otilie é amor, Charlotte é razão, Capitão Otto é *ethos*, a opinião pública.⁴

⁴ Cf. Sherman (1985, p. 312).

Marcuse considera que a força da obra reside no fato de, mesmo profundamente atraídos, os personagens manterem seus sentimentos sob pressão em vez de dar-lhes uma expressão sexual. Em sua substância e forma interna, “As afinidades eletivas” são determinadas pelo compromisso erótico, julga o filósofo:

Consistentemente, a sexualidade aparece em uma forma refletida, “mediada” e altamente sublimada – mas, nessa forma, é absoluta, descomprometida, incondicional. O domínio de Eros é, desde o início, o domínio de Thanatos. Realização é destruição, não em um sentido moral ou sociológico, mas ontológico. Está para além de bem e mal, além da moralidade social e, assim, permanece além do alcance do Princípio de Realidade estabelecido, que Eros recusa e explode. (MARCUSE, 1991, p. 77)

O único ato sexual que acontece n’ *As afinidades eletivas* ocorre em uma noite, quando Eduard bate na porta do quarto de Charlotte, e ela abre. “Fiz a promessa de beijar o seu sapato essa noite” (GOETHE, 2008, p. 82), ele diz, tentando explicar sua inesperada visita. Ela deixa o marido entrar e este “maliciosamente”, escreve Goethe, apaga a vela.

Na obscuridade, porém, as inclinações interiores e as fantasias afirmaram seus direitos sobre a realidade; era Ottilie quem Eduard estreitava em seus braços, e na alma de Charlotte pairava a imagem do Capitão, ora longe, ora mais perto, e, desse modo singular, o presente e o ausente entrelaçaram-se com encanto e voluptuosidade. (GOETHE, 2008, p. 82)

Conforme observa Benjamin, “a turbulência da sexualidade” atira nos braços um do outro os já distanciados esposos, “retardando uma união na qual marido e esposa teriam de perder um ao outro” (BENJAMIN, 2014, p. 335).

Se, no início de “As afinidades eletivas” parece que o antigo casal vai se desfazer e novos pares serão formados, depois dessa noite, em que Charlotte engravida, ela decide ser mais fiel aos fatos do que aos sentimentos e permanecer ligada a Eduard, a quem escreve, respondendo a seu pedido de divórcio:

Você ainda se recorda daquela noite em que, como amante aventureiro, visitou a sua esposa, atraindo-a irresistivelmente e enlaçando-a em seus braços como uma amante. Vamos venerar, nessa estranha casualidade, uma providência divina,

restabelecendo um novo laço entre nós, no instante em que nossa felicidade ameaça ruir e desaparecer. Seria difícil descrever o que se passou na alma de Eduard a partir desse momento. Em situações embaraçosas, os velhos hábitos e inclinações ressurgem para matar o tempo e preencher a vida [...] Eduard desejou ardentemente o perigo externo para contrabalançar o interno. (GOETHE, 1991, p. 111)

Eduard decide ir para a guerra “e buscar a morte não como alguém que está fora de seus sentidos, mas como alguém que espera sobreviver”, escreve Benjamin; e, continuando com as palavras do filósofo, enquanto ele está fora, “Charlotte dá à luz uma criança nascida de uma mentira. Um sinal disso é que ela se parece com Ottilie e com o Capitão – e está condenada à morte” (BENJAMIN, 2014, p. 307).

Quando Eduard retorna, coberto de condecorações, a primeira pessoa que ele encontra é Ottilie com o filho dele no colo. O encontro é apaixonado, e ambos imaginam ser possível, finalmente, ficarem juntos. Ao se abraçarem, “a esperança passou sobre as suas cabeças como uma estrela cadente. Supunham, acreditavam que se pertenciam e pela primeira vez trocaram beijos ardentes, voluptuosos; separaram-se dolorosa e violentamente” (GOETHE, 2008, p. 189). Nenhuma estrela caiu: Goethe recorre ao acontecimento tido como capaz de realizar desejos – a visão de uma estrela cadente – para apresentar a esperança que cintilou nos amantes.

Assim, em *Afinidades eletivas*, a esperança surge fugaz “como uma estrela cadente”, e Benjamin considera que

apenas esse sentimento de esperança pode realizar o sentido do acontecimento – assim como Dante assume, em sua própria pessoa, o desespero dos amantes, quando, depois das palavras de Francesca de Rimini, ele cai ‘como um cadáver cai’. (BENJAMIN, 2014, p. 335)

O filósofo refere-se aos versos da *Divina Comédia*, nos quais, depois de ouvir a história do adultério de Francesca e sua confissão de preferir viver eternamente condenada ao inferno com seu amante Paolo do que no céu sem ele, Dante não resiste “e caddi, come corpo morto cade” (DANTE ALIGHIERI, *La divina commedia*, V, 141). Também a união entre Eduard e Ottilie está condenada: ao voltar apressada para casa depois do encontro, Ottilie deixa o bebê cair no lago, causando-lhe

a morte. Culpada, nunca mais sai do quarto e morre de inanição. Eduard também não sobrevive por muito tempo.

Para amantes malsucedidos, pensa Benjamin (2014, p. 336), “a esperança justifica a aparência de reconciliação [...] é permitido desejar a aparência de reconciliação – sem dúvida, ela precisa ser desejada: é ela apenas o lar da esperança mais extrema”. Quer dizer, Benjamin preserva a forma do desejo, seu aparecer e sua aparência, ainda que (e sobretudo quando) este pareça estar condenado ao fracasso. A aparência é percebida como sua única forma de existir.

No diário de Otilie, pode-se ler: “poder descansar um dia ao lado de quem se ama é a esperança mais agradável que uma pessoa pode nutrir, se alguma vez pensar no além da vida” (GOETHE, 2008, p. 151). Eduard e Otilie preferem morrer a viver separados; o conteúdo de verdade aparece no mundo material como recusa, negação a aceitar o que é dado. Eros afirmase como transcendência. Eles recusam a situação existente, mesmo sem esperança. A realidade lhes é tão insuportável quanto o é para o mencionado “substrato dos párias e *outsiders*, dos explorados e perseguidos de outras raças e de outras cores, dos desempregados e dos não empregáveis” (MARCUSE, 1991, p. 256). Conforme Marcuse, capaz de unir os famintos e os apaixonados, “nas exigências do pensamento e na loucura do amor está a recusa destruidora dos estilos de vida estabelecidos” (MARCUSE, 1991, p. 127).

Nos protestos dos ativistas contemporâneos pode-se perceber a expressão de semelhante sentimento, isto é, de que a realidade tornou-se tão insuportável, que recusá-la torna-se necessário, mesmo que sem esperanças. A única saída parece ser a expressão da recusa, como se pode ver, por exemplo, nas manifestações contra a Copa do Mundo no Brasil e no movimento *Occupy Wall Street*: é claro que nunca passou pela cabeça de ninguém que a Copa não seria realizada ou que ocupar a *Liberty Square* significaria o colapso do mercado financeiro. O que fica evidente é a recusa ao existente – mesmo que sem esperança de transformação do recusado.

A relação entre a dimensão erótica e a política pode ser mais bem compreendida por meio do conceito de *Eros effect* (que inspirou o título do presente ensaio), formulado por George Katsiaficas (1989). O “efeito de Eros” refere-se a uma dimensão transcendente – emocional, intuitiva – que, algumas vezes, acontece nos movimentos sociais. O autor enfatiza, ao longo do texto, que as emoções eróticas podem ser uma fonte poderosa

nas ações coletivas – assim como também o são as pulsões de *Thanatos*, capazes de levar uma multidão, em casos extremos, ao linchamento, a apedrejar adúlteras e a outros horrores. O efeito de Eros é apresentado como uma espécie de sublimação coletiva da necessidade pulsional de liberdade, presente nos seres humanos, como

Uma catexia espontânea entre os seres humanos nos níveis fundamentais de solidariedade social. A mobilização para agir ocorre através tanto da intuição dos participantes quanto através do que acreditam racionalmente, e essa identidade intuitiva forma a base da atividade coletiva. (KATSIAFICAS, 1989, p. 8)

Nas sociedades contemporâneas, caracterizadas por uma objetividade descentrada e uma subjetividade desconstruída, considera Katsiaficas, a reconstrução dos vínculos esgarçados pode ocorrer por meio do efeito de Eros. A identidade pulsional da espécie humana, caracterizada pelo desejo de liberdade, leva ao entendimento da liberdade “como a unidade dialética do que geralmente é percebido como oposição: existência individual autônoma e solidariedade coletiva” (KATSIAFICAS, 1989, p. 9). No efeito de Eros, aflora “o lado emocional dos seres humanos como um ímpeto a ascender” (KATSIAFICAS, 1989, p. 10).

Diante da presença desse ímpeto erótico e da recusa ao estado de coisas existentes, percebidas nas performances dos ativistas contemporâneos e sem esperanças visíveis no cenário imediato, vale a frase motivadora do presente texto (“Somente para os desesperados é que nos foi dada a esperança”), que interrompo aqui, com palavras de Marcuse, capazes de acentuar a dimensão erótica das manifestações sociais:

É uma luta por você, por nós, quero pensar, que não podemos mais tolerar, que ficamos doentes do estômago ao ver o mundo viver em uma economia de morte, obsolescência planejada e poluição que nós não podemos mais tolerar. E essa intolerância, essa abençoada intolerância, espero, atravessa o chamado abismo de gerações, pois, embora eu seja um pouco mais velho que vocês, para mim é tão intolerável quanto o é para vocês. Nisso, também, estamos no mesmo barco. (KATSIAFICAS; DAVIS, 1969, p. 1)⁵

⁵ Um pouco mais velho que os manifestantes, Marcuse tinha na época 71 anos. Esse discurso, terrivelmente atual, foi proferido em 24 de outubro de 1969, na Lower Plaza, University of California.

Referências

BENJAMIN, W. Goethe's *Elective Affinities*. Disponível em: <<http://pt.scribd.com/doc/2909355/Walter-Benjamin-Goethes-Elective-Affinities>>. Acesso em: 22 mar. 2014.

ALIGHIERI, D. *La Divina Commedia*. Bergamo: Fabbri Editori, 1997.

GOETHE, J. *As afinidades eletivas*. Trad. Erlon José Paschoal. São Paulo: Nova Alexandria, 2008.

KATSIAFICAS, G. The Eros Effect. Disponível em: <<http://www.erosseffect.com/articles/erosseffectpaper.PDF>>. Acesso em: 22 mar. 2014.

LÖWY, M. Under the Star of Romanticism: Walter Benjamin and Herbert Marcuse. In: BLECHMAN, M. (Ed.). *Revolutionary Romanticism. A Drunken Boat Anthology*. San Francisco: City Lights Books, 1999. p. 197-214.

MARCUSE, H. *One-Dimensional Man*. Studies in the Ideology of Advanced Industrial Society. London: Routledge, 1991.

MARCUSE, H.; DAVIS, A. Talks by Angela Davis and Herbert Marcuse. New York Public Library, microfilm ZT-992, 1969.

MEYER, A. Prefácio. In: GOETHE, J. *Afinidades eletivas*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2007, 8-12.

SHERMAN, C. K. Analysis at Goethe's *Elective Affinities*. *The Journal of Speculative Philosophy*, Philadelphia, Penn State University Press v. 19, n. 3, p. 300-321, July 1985.

WEBER, M. *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. São Paulo: Pioneira, 2001.